

# UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICA DOS PROCESSOS DE REGENERAÇÃO: O EFEITO VIALISTA

Alain Masson\*

## RESUMO

Três tipos de linguagem têm a sua base funcional no cérebro humano: uma linguagem de imagens, a linguagem onírica, a linguagem do sonho; uma segunda linguagem ainda pouco conhecida: aquela da “inteligência subliminar”, linguagem não consciente. Investigações recentes, efectuadas no domínio das neurociências, dão a prova da existência desta inteligência. A terceira linguagem é aquela da linguagem consciente, gramaticalmente estruturada para ser não contraditória. Esta linguagem é, hoje em dia, considerada como a única via de acesso ao conhecimento científico. A linguagem socializada não contraditória impõe a sua lei. Foi experimentalmente demonstrado que o funcionamento da linguagem socializada racional apaga a inteligência subliminar. Uma solução é aqui proposta: é posto em funcionamento um operador apto a unir a inteligência subliminal e a linguagem socializada. Este operador é a função vialista. O vialista é o operador duma função que não pode ser nomeada na linguagem social racional. Esta sintaxe inédita é a chave da passagem duma fronteira que, sem ela, é intransponível. As aplicações práticas são consideráveis. Dois exemplos são sugeridos neste trabalho: o atraso no envelhecimento das células; a possibilidade de terapêuticas inéditas.

## PALAVRAS-CHAVE

Tipos de linguagem; linguagem onírica; “inteligência subliminar”; linguagem consciente; função vialista; envelhecimento das células; medicina psicossomática.

---

\*Psicólogo clínico; ex-professor de Psicopatologia e Psicoterapia na Universidade de Paris VII

**ABSTRACT**

Three kinds of languages have their functional basis in the human brain: a language of images, the dreamlike language, the language of dreams; a second language is still little known : that one of « subliminal intelligence », non conscious. Recent investigations, in the field of neurosciences, prove the existence of this intelligence. The third language is the one of the conscious language, grammatically structured to be non contradictory. Today, this language is considered to be the only means of access to the scientific knowledge. The non contradictory socialized language imposes its law. It has been experimentally demonstrated that the functioning of the rational socialized language puts out the subliminal intelligence. A solution is put forward : the bringing into play of an operator capable of uniting the subliminal intelligence and the socialized language. This operator is the vialist function. The vialist is the operator of a function which has no name in the rational social language. This original syntax is the key to a boundary which is impassable without it. The practical applications are considerable. Two examples are presented here: slowing down of the ageing process of cells; possibilities of original regenerative therapeutics.

**KEYWORDS**

Kinds of language; dreamlike language; “subliminal intelligence”; conscious language; vialist function; aging cells; psychosomatics medicine.

**INTRODUÇÃO**

Em 1987, uma microbiologista apresenta à Universidade de Paris XI os resultados de cinco anos de pesquisa (1). Os resultados obtidos são surpreendentes: mostram que é possível atrasar consideravelmente o envelhecimento natural – a fase de decrescimento – das células vivas.

O processo utilizado é novo. Utiliza-se um emissor de informações regenerantes de que eu sou o autor. Os benefícios sentidos por estes organismos monocelulares podem ser estendidos às plantas, aos animais e aos humanos, como se verá.

Conto-vos uma sessão. Não uma dessas sessões de relaxamento agradável que são as habituais, mas uma sessão difícil, de urgência.

Uma das nossas amigas está mal. Chama-nos em socorro. Ela bebe demasiado. Na sua bebedeira, perde todo o controlo, fuma de maneira compulsiva, teme o cancro do pulmão, alimenta-se pouco e muito mal, dorme muito pouco, tem durante a noite fortes crises de angústia. Tem a consciência de se destruir e de destruir quem a rodeia. Pergunta-nos se pode vir passar uns dias à nossa casa, para ser ajudada.

O trabalho começa. O material utilizado é de aparência muito simples: uma lâmpada fluorescente (potência de 9 watts) foi “informada” segundo um procedimento que será apresentado mais tarde. Ela tornou-se assim emissora de influência regenerativa. Três pontos no pé foram sucessivamente informados pela irradiação próxima. Três pontos metaméricos, correspondentes à bacia, ao tórax e à cabeça. Um quarto de hora para cada ponto.

Neste momento pedimos à nossa amiga para deixar ir a sua mão direita ou a esquerda em direcção a um ponto da sua cabeça e depois verificar se esse ponto é doloroso à pressão. Ela encontra esse ponto. É uma etapa importante, pois segundo a nossa experiência, como segundo as teorias do Dr. Hamer (2), estes pontos dolorosos, habitualmente chamados «focos de Hamer», correspondem a áreas de sofrimento cortical que devem ser prioritariamente aliviadas. Estas zonas feridas podem ser consideradas como fontes de stress permanente. As informações regenerativas propostas a uma distância de cinco a quarenta centímetros da zona de sofrimento, vão pôr fim ao estado de stress permanente, e, em consequência, permitem reviver as recordações infantis dolorosas, origem do conflito gerador de angústia.

Um ponto-chave da nossa prática é que nós sabemos – por longa experiência – que sob a acção de informações regenerativas, não é a tomada de consciência que cura mas a cura que permite a tomada de consciência.

Somos, então, dispensados do longo trabalho de anamnese. Não temos necessidade de passar pelos sonhos e outras produções do inconsciente. Nós somos – felizmente – os psicólogos dispensados de psicologia. Nós não agimos, nós acompanhamos. As informações regenerativas não têm um efeito específico. Não temos necessidade de estabelecer um diagnóstico. As informações transmitidas à distância reforçam o potencial de auto-cura própria de cada um. A nossa qualificação é compreender

aquilo que o paciente vive, porque nós vivemo-lo e ultrapassamo-lo nós mesmos. Somos os acompanhantes da libertação.

Foi isto que se passou com a nossa amiga. A emissão informativa sobre o ponto doloroso da sua cabeça agiu silenciosa e rapidamente. Efeito de aparência paradoxal: sabemos que a zona magoada é uma via de cura logo que a angústia se começa a exprimir, primeiro sob a forma de sintomas psíquicos e depois, mais tarde, sob a forma de recordações revividas.

Para a nossa amiga, o sintoma que vem é muito concreto: sensação de asfixia, sensação de punhalada ao nível dos brônquios. Ela endireita-se, inquieta. A nossa calma sossega-a um pouco. Estamos calmos porque sabemos que é suficiente continuar a sessão para que a nossa amiga fique realmente tranquila. Sabemos também que ela vive um momento muito difícil. A angústia que cresce nela é uma velha inimiga. É o terror insuportável que ela tentou anestesiar com o tabaco e o álcool. Nós não falamos. Não é útil. Sabemos que ela está quase a viver um momento de relaxamento que será importante para ela.

É o que chega. Ela vive um momento real de bem-estar. Dispomos de um tempo para falar com ela deste bem-estar. Ela conhece as crises de angústia desde há muito tempo. O bem-estar é novo para ela. Inconscientemente ela crê-se culpada. Acredita que mereceu um destino infernal, que tudo é sua falha. Viver um momento de real bem-estar, de paz física e moral, reencontrar o apetite, o sono, transtorna-a porque não é um discurso mas uma experiência. Como uma afirmação que o bem-estar é possível para ela. Não é uma promessa, é um facto. Nós partilhamos a sua alegria indicando-lhe que outras angústias se vão seguir, seguidas de relaxamento, e que ela poderá vivê-las.

Efectivamente, ao longo dos três dias que ela passa connosco, ela vai viver ainda duas subidas de angústia e duas subidas libertadoras. Conto a segunda. Durante a noite, a nossa amiga sentiu prurido no lado do joelho direito. Ela conta: “Levantei-me esta noite para pôr água de colónia no prurido. O odor da água de colónia lembrou-me qualquer coisa. Revivi o meu acidente. Aos onze anos, fui atropelada por um automóvel. Choque violento sobre a cabeça e fractura da perna, exactamente no local do prurido. Transeuntes pegaram-me e levaram-me à farmácia que colocou água de colónia na perna”.

A pequena sentiu-se a morrer de terror. O terror incorporou-se na fractura mal curada. O odor a água-de-colónia fê-la ressurgir. Se foi possível viver a recordação terrífica, foi porque a cicatriz do joelho pode enfim atingir a sua cicatrização. A nossa amiga viveu um contínuo terror de morrer, terror fixado numa fractura mal resolvida. A fractura da perna teve lugar aos onze anos. O traumatismo “primário”, aquele cuja cicatrização completa elimina o cortejo de sintomas familiares, teve a sua origem durante os dois primeiros anos de vida. Avisamos, então, a nossa amiga que ela provavelmente viveria lembranças terríveis de origem mais antigas. Confiamos-lhe uma lâmpada de regeneração que ela utilizará com a ajuda do seu marido. Um mês mais tarde, ela escreve-nos: “Obrigado pela vossa ajuda. Vou muito melhor”.

## **COMO COMPREENDER OS FACTOS MENCIONADOS?**

Para tentar uma abordagem mais teórica, começemos por um desvio: falemos das diferentes linguagens que têm a sua base funcional no cérebro humano. Logo que empregamos a palavra linguagem, primeiro pensamos na linguagem articulada ou numa comunicação por gestos, como a dança das abelhas.

As duas primeiras linguagens que vamos mencionar não funcionam assim: a primeira é uma linguagem de imagens, a linguagem onírica, a linguagem do sonho. Trata-se duma linguagem. Pudemos reconhecer alguns elementos da sua estranha sintaxe:

A condensação. Exemplo: em lugar de uma cara, só está presente um olho enorme.

Deslocamento. Exemplo: aquilo que se refere ao pai está presente como comportamento do professor.

Transliteração. Uma recordação de infância é transferida para uma cena vivida por um outro.

Metáfora. A timidez aparece sob a forma de um coelho assustado.

Antítese. O ódio posto em cena como amor.

Oxímoro. Utilização de termos contraditórios. O bom maldoso ou a bela feia.

A contradição interna não embaraça a linguagem onírica. Nós temos tendência a subestimar a importância da linguagem imaginada que põe em cena o trabalho secreto e contínuo dos nossos desejos, dos nossos medos, das nossas esperanças. A filmografia dos nossos sonhos não é um espectáculo de puro divertimento. À nossa maneira, os nossos sonhos constroem-nos.

A segunda linguagem que nos interessa é ainda pouco conhecida. É uma linguagem subliminar, logo não consciente. A expressão duma inteligência instantânea, sempre em acção tanto no recém-nascido como no adulto. Pesquisas recentes (3) mostram que palavras mascaradas, percebidas somente durante vinte e nove milissegundos, são decodificadas.

Esta observação é muito surpreendente pois significa que compreendemos o significado duma palavra e o seu valor afectivo antes de termos tido tempo de a ler.

Esta inteligência, que sabe ler instantaneamente as palavras escondidas sob um sinal mascarado, é capaz igualmente de performances espantosas no recém-nascido. Estudos (4) mostram que uma criança de oito dias é capaz de imitar uma mímica depois do experimentador ter deixado de a fazer. O recém-nascido reproduz aquilo que memorizou, aquilo que constitui um desempenho característico dum psiquismo de nível superior.

Se o adulto decodifica e dá sentido às palavras que ele não tem tempo de ler, se o recém-nascido se revela apto a performances de nível superior, eis-nos constangidos a modificar os nossos preconceitos: a inteligência alfabetizada, gramatical, adquirida e desenvolvida com tantos esforços e tão alto preço, tem uma rival por vezes com mais performance do que ela.

Glen Noman (5) ensina aos pais os meios de transmitir um ensino de alto nível aos recém-nascidos. Os resultados obtidos são espantosos. Não ficamos espantados de aprender que a transmissão do conhecimento aos recém-nascidos se exerce por intermédio de quadros que são apresentados à criança durante um tempo muito curto. Glen Noman faz apelo a esta mesma inteligência que permite a um adulto decodificar uma palavra escondida apresentada durante vinte e nove milissegundos. O seguinte esquema é proposto:

A inteligência instantânea constrói-se sobre factos que é preciso assimilar, memorizar – tratar para extrair as informações úteis - utilizar estas informações para resolver os problemas – combinar factos e conhecimentos para descobrir as leis.

Glen Noman mostra – pela sua prática – que a inteligência subliminar instantânea, cuja existência é reconhecida pelas neurociências, é capaz de conduzir a um funcionamento científico.

Tendo assistido, durante um ano, às consultas de Françoise Dolto, vi-a falar com os recém-nascidos e vi estes responderem por reacções corporais adaptadas.

Esta inteligência continua ainda bem misteriosa. A minha hipótese pessoal é que ela pode tornar-se muito embaraçante e mesmo enraivecida se não obtém as condições necessárias ao seu desenvolvimento: isto é se ela não é nutrida de factos assimiláveis, fornecidos sob a forma de estimulações variadas, concretas, vivas, das quais uma boa parte seria constituída de palavras factuais provenientes de um adulto amado. Se esta alimentação em factos é insuficiente, esta inteligência subliminar pode estagnar ao nível do corpo pulsante finamente descrito pelos psicanalistas. Este corpo pulsante que tudo quer e o seu contrário, que quer tudo rapidamente, que exige um gozo sem contrariedades nem limites. Compreendemos que falamos duma inteligência muito particular capaz de desempenhos muito úteis, mas também de fazer pesar, silenciosamente, exigências inaceitáveis pelo sujeito social que se sente ameaçado de destruição se cede à pulsão.

Uma força antagonista deve ser desenvolvida, para assegurar a sobrevivência individual e social.

A aprendizagem da língua gramatical dá-nos o utensílio necessário para resistir ao excesso de impulsos evolutivos subliminares. O corpo cresce sob o impulso antagonista das três linguagens: a linguagem do sonho, a inteligência evolutiva subliminar, a linguagem gramatical operadora da sobrevivência em conformidade com as regras sociais.

A linguagem gramatical está fixada. As suas regras impõem-se. A lógica da língua social está claramente exprimida desde Aristóteles. A língua filosófica, científica ou literária, a língua normativa tem a obrigação de ser “não contraditória”.

No desenvolvimento da nossa cultura, a linguagem não contraditória estabeleceu a sua preeminência. O pensamento não contraditório reina, e no entanto, está orientado para o fracasso no conhecimento e na sabedoria do ser vivo enquanto objecto paradoxal.

O que é um objecto paradoxal? Tomemos um exemplo “ o efeito placebo.”:

O efeito placebo ocupa um lugar paradoxal, pois é ele, o mal conhecido, o não amado, que permite a medida da eficácia, logo a justificação do seu rival feliz, o medicamento. O especialista reconhece ele mesmo: “ ...a absoluta incapacidade do farmacologista clínico em medir o efeito farmacológico sem utilizar a vara de medir do placebo” (6). Um estudo clássico (7) avalia assim a percentagem de eficácia do placebo: taxa média 30%. De 46ª a 73% para as dores de cabeça. De 20 a 58% para as enxaquecas. 3 a 60% para os hipertensos. 14 a 84% para os reumáticos. 20 a 60% para os dispépticos. 80% nos casos de úlcera do duodeno.

As modalidades de acção do placebo são as mesmas que as do medicamento: Eis o balanço de uma experiência (8): Alunos da Polícia vão assistir à sua primeira autópsia, considerada como ansiogénica. Eles aceitam participar numa experiência do efeito placebo. Formam-se quatro grupos. Dois recebem, seja um comprimido activo seja um placebo, os dois grupos recebem um copo de sumo de laranja com ou sem produto activo. Os alunos que receberam o comprimido placebo e os que beberam o sumo de laranja com produto activo, vivem uma redução idêntica do seu nível de ansiedade. Neste caso, o efeito placebo foi idêntico ao efeito farmacodinâmico.

Um estudo recente (9) mostra que o placebo age nas mesmas áreas corticais que o medicamento: “ A administração de um morfínico e de um placebo produz a activação das mesmas estruturas anatómicas: o gyrus cingular anterior”. Um outro estudo (10) mostra que o placebo leva a uma libertação de dopamina endógena no striatum dos pacientes parkinsonianos.

Se o placebo age por sugestão, como é que esta pode indicar ao paciente qual é a área cortical que é preciso estimular?

Se há sugestão da parte do médico, não é consciente (11). Um médico tratava desde há muitos anos um doente, asmático crónico.

Pede a um laboratório um novo medicamento, recebe-o e transmite-o. O doente melhora. O médico pede, então, ao laboratório um placebo, e transmite-o. O doente recai. O facto repete-se várias vezes. A cada administração do medicamento, o doente melhora. Ele recai quando recebe um placebo.

O facto surpreendente é que o médico é informado pelo laboratório que este, por várias razões só lhe forneceu placebos. O doente reagiu às ordens não conscientes do médico. Ele respondeu com o seu corpo, por reacções fisiológicas que eram exactamente aquelas que o medicamento produziria.

O efeito placebo funciona na fronteira do somático e do psíquico. Todos os objectos paradoxais são atravessados por esta fronteira, esta articulação do somático e do psíquico.

O objecto paradoxal é um objecto com dupla entrada. Por um lado, ele é acessível às investigações conduzidas segundo a lógica não contraditória. Por outro lado, é bem diferente. A coordenadora de um congresso sobre o efeito placebo exprime-se assim (12): “ Os placebos são fantasmas que frequentam a nossa casa da objectividade médica , criaturas que surgem da sombra expondo paradoxos e fissuras às nossas próprias definições de factores reais e activos dos nossos tratamentos”.

A este “fantasma”, “este ser surgido da sombra”, a investigadora chama-lhe, no título do seu artigo, “cérebro auto-curador”.

Está claro que o que conduz o estudo do efeito placebo é a constatação de uma inteligência de cura utilizando os mesmos circuitos que as induções físico-químicas. Esta inteligência de cura é uma faceta da inteligência subliminar evolutiva que mencionámos, desta aptidão a descodificações instantâneas das palavras e das percepções podendo produzir à vez sintomas e a cura dos sintomas?

O que podemos pensar da proposição de R. Chauvin, etólogo reconhecido que escreveu (13): “ A chave da evolução encontra-se provavelmente no interior do homem. A sua vontade é programável e chega ao seu fim por mecanismos dos quais não tem consciência. A maneira como o nosso cérebro age sobre o nosso corpo é provavelmente a mesma que a da vontade evolutiva agindo sobre a matéria...”? Deste

impulso evolutivo, Chauvin, a partir das suas observações etológicas, diz-nos:

“Ela programa – Ela é não consciente – Ela é universal – Ela funciona a três níveis: no interior dos organismos – no interior das células – no coração da evolução.

As questões que nos põe o efeito placebo respeitam todos os seres vivos. Todos os seres vivos são objectos paradoxais.

Como observar o objecto vivo paradoxal, o paradoxal do vivo?

É preciso um método. A primeira exigência deste método é respeitar o facto que só a vida pode observar a vida. É a face paradoxal do observador que observa que observa o paradoxal do ser vivo. Eu, observador, se observo o ser vivo, não o observo a partir do meu lado sábio, não contraditório, mas a partir do meu lado vivo, paradoxal.

## UM EXEMPLO PESSOAL

Vou tentar contar como – na minha experiência pessoal – a observação do objecto paradoxal constituiu o fio director da minha história, como obedeci a impulsos de aparência irracional que eram as consequências lógicas de descodificações instantâneas de que eu não tinha consciência. Eu seguia o impulso evolutivo.

Estamos em Paris. Preparo-me para começar a minha tese de doutoramento em Ciências Económicas. Quero estudar os mecanismos de formação dos preços agrícolas. Um tema muito técnico. Senti-me atraído pela obra de dois dos meus professores. Eles trabalham com a ajuda de curvas estatísticas muito elaboradas. A minha impressão é que as leis de formação dos preços são pormenorizadas de maneira infalível, daí a minha atracção. Estes professores são intelectualmente muito rigorosos começando por eles mesmos. Publicam uma segunda edição do seu grande livro. Para apresentar os factos bem claros eles substituíram os traçados finos dos diagramas por bandas largas. A zona de formação dos preços torna-se então muito incerta. Qualquer coisa em mim se revolta silenciosamente. Acabo de compreender que a lógica não contraditória, apesar do rigor do seu passo e a sua aparente infalibilidade, fracassa na previsão dos acontecimentos da vida

humana. Repudio a lógica não contraditória. Parto à procura duma outra abordagem.

Estudo agora a teologia protestante, em Paris. Trata-se essencialmente do estudo da Bíblia. A Bíblia é uma biblioteca, uma colecção de textos escritos em épocas bem diferentes. As contradições radicais são a regra. Gosto do sopro que areja estes testemunhos. Dão-me sede. Quero compreender melhor o espírito humano. Torno-me psicólogo clínico e eis-me durante longos anos ao lado de crianças e adultos deficientes. Com estas crianças, com estes adultos, aprendi muito. Ameios, mereciam-no. Tínhamos – nessa época – liberdade de acção e meios económicos. Psiquiatras, educadores, psicólogos, estávamos apaixonados. Mas foi preciso rendermo-nos à evidência: havia uma profunda divergência entre o que as autoridades esperavam de nós e aquilo que nós queríamos. Pediam-nos para sermos instrumentos duma gestão do estado com as crianças e os adultos com problemas. Nós, no terreno, estávamos frente a frente com seres que não queriam ou não podiam viver. Eles estavam bloqueados, imobilizados, não se podiam adaptar. Faltava-lhes o impulso evolutivo. Sentíamos que a chave do problema estava aí. A chave da passagem faltava-nos. Queríamos explicar às autoridades responsáveis que era preciso, a qualquer preço, encontrar essa chave sem a qual todo o sistema se esvaziaria.

Observei, observo ainda, publiquei duas análises sócio jurídicas incontestáveis (14-15). As conclusões eram terríveis: o sistema andava no sentido contrário. As instituições e as acções concebidas segundo a lógica não contraditória não permitiam ajudar os adultos e as crianças por causa da avaria no impulso evolutivo. Pelo contrário, os esforços empreendidos agravavam a situação.

Deixei as minhas responsabilidades. Passei pelo desemprego. Conheci a tentação da derrota. Encontrei nesses momentos obras científicas escritas por observadores do vivo: Goethe, Claude Bernard, Freud, Jung, Reich e também escritos bíblicos para mim sempre muito estimulantes. Os anos passam. Encontro uma microbiologista que procurava um tema para a sua tese de doutoramento. Falei-lhe de experiências espantosas por meio das quais Reich melhorava a vitalidade das células. A cientista ficou interessada. Furneci o material necessário, tal como Reich o descrevia. As medidas começam.

As proposições de Reich são imediatamente verificadas. O dispositivo funciona. A vitalidade e a longevidade das células são claramente melhoradas. As medidas começaram na Primavera 1980 e tudo corre bem até ao Verão. Então durante semanas chegaram violentas tormentas. Os resultados invertem-se. A microbiologista diz-me: “Fracasso. Há que encontrar um outro dispositivo”.

Sei algo destas experiências porque sei, dum saber íntimo irresistível, que a ciência não contraditória não pode compreender mais do que uma face do objecto paradoxal ‘vida’. Para mim, o êxito destas experiências representa a possibilidade dum diálogo entre a lógica do laboratório e a observação paradoxal do ser vivo. Este diálogo tem para mim, pessoalmente, uma importância vital. Podia permitir-me construir a minha unidade.

Durante aqueles dias, algo ocorria. Silenciosamente, simplesmente. Estou sentado ao lado dum aparador rústico um pouco carcomido cuja cor e odor ainda retenho. Actuo sem ser o observador da minha acção. Escrevo: “*sinais sinusoidais. Frequência 1 megahertz. Tensão 5 volts. Intensidade 500 miliamperes. 14,6 % filossilicato do grupo caulino. 72,2% filossilicato do grupo talco. 13,2% hidratatos de carbono.*”

De manhã disse à Sra. Vittu-Perdiz, a microbiologista: “Poderíamos experimentar esta fórmula”. Ela aceita. As medições fizeram-se durante cinco anos. A acção regeneradora que prolongava a vida das células confirmava-se independentemente da meteorologia.

Acabava de viver um momento que muitos observadores do ser vivo paradoxal são chamados a viver. O momento em que o objecto paradoxal se apresenta como “Conhecedor”. O dispositivo em que tinha registado não tinha nada em comum com o descrito por Reich. Não era um sistema muito complicado, mas, como as verificações mostraram, todos os parâmetros deviam ser respeitados rigorosamente, isto é: a natureza dos componentes, as proporções exactas, a definição precisa do sinal activador. O conjunto, tinha podido concebê-lo intuitivamente por acaso, mas havia muito poucas hipóteses que a fórmula encontrada por acaso funcionasse de maneira verificável durante cinco anos seguidos. Era obrigado a admitir que tinha recebido um conhecimento eficaz. Acabava de passar vinte e cinco anos na observação de objectos paradoxais: as leis do mercado.

A Bíblia, através das suas incessantes contradições. A problemática humana, apanhada na armadilha, ameaçada por um desânimo radical. O recém-nascido, inteligência activa, organismo dependente. As descobertas de Reich, brilhantes e não resistindo a uma série de tempestades. Acreditava-me pronto a acolher todas as surpresas. Vinha de viver o encontro que não esperava: a erupção, simples e sem esforço, do conhecimento técnico preciso, necessário para a continuação das experiências.

Estes conhecimentos precisos tinha-os recebido e transmitido. Eles funcionavam muito bem, mas eu não compreendia o princípio da sua acção. Seria preciso vinte anos suplementares para que pudesse começar a descodificá-los.

Antes de chegar a este ponto, precisava de começar pelo princípio: aceitar a ideia dum encontro possível com o Conhecedor, quer dizer aceitar a possibilidade dum impulso evolutivo inteligente, podendo exprimir-se concretamente, com uma intenção precisa. A aceitação desta ideia foi para mim bem difícil. Tinha sido formado para a lógica não contraditória. Tinha aprendido bem a lição, a saber que é preciso apoiar-se no conhecido em direcção ao desconhecido e que todos os passos que vão do desconhecido para o conhecido são desqualificados.

No entanto utilizaram-se os antibióticos durante muito tempo sem o seu mecanismo de acção estar elucidado!

Para um investigador, o encontro com o Conhecedor é perturbante. Há uma troca de papéis. O objecto da pesquisa torna-se sujeito e dá, em directo, informações insubstituíveis a fim de ser melhor conhecido.

O físico Jean Charon (16) escreveu: *“O Conhecedor acaba por brincar no espaço do físico com a ideia de obter uma representação dele próprio em termos puramente físicos... Descobrimos que o Conhecedor está na sua essência constituído por fenómenos físicos que tomam lugar no espaço-tempo contra entrópico...”*

Charon propõe duas ideias: a primeira é que o Conhecedor fala a cada um a sua própria linguagem. O Conhecedor que aparece no laboratório do biólogo, quer obter uma representação dele mesmo em termos puramente biológicos. Representação por raciocínio filológico para o filósofo. Reconstrução histórica para o historiador. Língua poética para o poeta. Élan de amor para o enamorado. O Conhece-

dor brinca no laboratório secreto de cada coração e fala a cada um a sua própria língua.

A erupção do Conhecedor tem por objecto a emergência do Conhecido:

O Conhecido é uma representação apta para figurar de maneira coerente, um fenómeno que se desenrola ao mesmo tempo no espaço observável pelo investigador humano e no espaço-tempo paradoxal onde a observação humana directa não pode funcionar.

O Conhecido é uma representação do mundo observável permitindo a presença activa do Conhecedor.

A segunda ideia proposta por Charon é que o Conhecedor é, na sua essência, constituído por **fenómenos físicos** que tomam lugar no espaço-tempo paradoxal. Um objecto é paradoxal porque duas espécies de espaços-tempos aí se frequentam: o espaço-tempo da sobrevivência e o espaço-tempo da evolução. Todos os seres vivos estão separados entre estas duas polaridades.

Há espécies vegetais e animais, ditas “pancrónicas”, que se mantêm idênticas desde há milhões de anos. Elas não evoluem.

A espécie humana, pelo contrário, arrisca-se a adaptações evolutivas contínuas e extremas.

A teoria de Charon indica que o espaço-tempo evolutivo é comparável a uma biblioteca moderna onde as informações de todas as categorias são continuamente captadas, memorizadas, ordenadas... Banco universal de dados perpetuamente em dia.

O que se chama “Conhecedor” seria assim um efeito físico, um turbilhão de informações ordenadas que passam de um espaço-tempo ao outro.

O observador do objecto paradoxal sabe que estes curiosos turbilhões transgressores de fronteiras intransponíveis advêm muito frequentemente e facilmente quando já se abriu uma primeira brecha.

Proponho contar-vos um segundo encontro com o Conhecedor. Em Março de 1987, a tese da microbiologista foi apresentada. Ela foi bem aceite. A maior parte das revistas científicas recusam publicar os resultados. Ir do desconhecido em direcção ao conhecido é um sentido interdito...

Retomei o dispositivo activador. Com ajuda desse dispositivo, informo a água. Um dia utilizo esta água para diluir os produtos químicos que servem para a revelação de diapositivos. As cores são mais belas, os detalhes mais precisos. Algo me intriga. Não sei o quê. Olhando essas imagens, sinto uma emoção, do mesmo tipo da que vivi frente aos vitrais de catedrais.

Sinto a sensação subjectiva de movimento. Outros amigos têm a mesma sensação. Alguns evocam pinturas que gostaram muito.

Para sentir com clareza o meu coração, filmo a imagem com um camescópio e comparo imagem por imagem. As imagens são diferentes. Massas coloridas bem visíveis deslocam-se numa imagem para a outra. Trata-se de um movimento muito rápido, demasiado rápido para o olho humano.

Penso nas observações dum musicólogo (17) que, tendo registado cantos de pássaros, diminuiu para metade a rapidez do desenrolar á audição. Nestas condições, nota-se um enriquecimento incrível da melodia. Para ele, o canto do pássaro torna-se tão complexo como uma sonata de Beethoven, uma verdadeira linguagem musical!

O espaço-tempo de sobrevivência é estável e repetitivo. O espaço-tempo evolutivo está animado por movimentos rápidos, complexos. Frente às fotos moventes, eu tinha também a impressão dum linguagem complexa, elaborada. Muitas outras observações foram efectuadas a partir de dezenas de milhares de fotos paradoxais que fomos realizando. Elas estão descritas num livro(18).

O encontro que quero narrar teve lugar após a publicação do livro em 1995. No momento em que acreditava ter, pelo menos parcialmente, compreendido as fotos paradoxais, um tipo de cliché totalmente novo aparecia: uma barra escura vertical separava cada foto em duas partes. Pensei imediatamente num erro técnico. As verificações multiplicaram-se. A barra escura estava sempre presente. A partir de numerosas séries de observações, constatámos que a distribuição das barras escuras no espaço de diapositivo se efectua em sete zonas preferenciais.

Observámos igualmente que a barra separa dois espaços cuja cor e ambiente não são idênticos. No grupo que formamos, a impressão é unânime. Reconhecemos o ritmo e as modulações daquilo que cha-

maríamos hoje o espaço-tempo de sobrevivência e o espaço-tempo de evolução.

A nossa situação é a seguinte: Aos nossos olhos, uma foto, mesmo paradoxal, é uma imagem da realidade observável. Os clichés que obtivemos nessa época apresentavam uma barra escura vertical distribuída segundo sete posições. Os nossos olhos não percebiam nada que se parecesse a essas barras escuras.

Partilhamos a impressão de que, em cada lado da barra escura um espaço-tempo diferente se manifesta. Ficámos vários meses estupefactos. Um clic disparou quando notámos que as sete posições observadas fazem referência a um símbolo bem conhecido, o candelabro de sete braços ou do 'ramo de Cahors' (19). Conhecíamos os sentidos tradicionalmente atribuídos a estes símbolos.

Os símbolos que conhecíamos foram todos traçados por mãos humanas conscientes. Podem aparecer sobre as fotos figuras simbólicas sem terem a sua origem no real observável? Podemos aceitar o facto que, por meio de uma foto paradoxal, um Conhecedor nos faça sinal? Aceitamo-lo depois duma longa resistência...

Não o aceitamos por razões intelectuais. Aceitamo-lo porque passamos muito tempo a observar estas estranhas fotos. Contemplávamo-las de maneira metódica, as sete posições, uma atrás da outra. Uma nova sensibilidade se desenvolvia em nós. Sentimos com evidência que as sete posições funcionavam como uma gama de sins ou um espectro colorido. Há evidências subjectivas indemonstráveis, que amplificam quando se partilha. Era o caso.

O canto da barra central fascinava-nos. Passávamos horas a olhar, silenciosamente, no júbilo duma evidência que a função desta barra central era unir dois mundos, dois espaços-tempo, o observável e o não observável.

Procurávamos nomear a função desta barra vertical:

-*"É uma ponte entre dois espaços-tempo"*.

-*"Caminha-se sobre uma ponte. Há algo mais do que uma ponte, uma presença que una nela as duas polaridades e desaparece quando a união é harmoniosa."*

-*"Para mim, vejo um operador de união."*

- “Sim, mas que tipo de união? Uma fusão que apaga as diferenças ou uma harmonia entre dois opostos?”

Procurávamos uma palavra para nomear esta função, sem poder encontrar esta palavra. Um de nós propôs: *“Unir os vivos pertencendo a mundos verdadeiramente diferentes, é a operação mais indispensável para a sobrevivência e a evolução das nossas sociedades. Esta função, vital, essencial, não sabemos mesmo como nomeá-la. Não temos palavras para dizer esta função vital. Tanto melhor, aliás. As palavras actuais estão usadas. É preciso uma palavra nova, tão viva e surpreendente como as fotos paradoxais. É preciso que esta palavra nos ajude a viver esta função que, de momento, não sabemos dizer. É a ponte e o ponteiro, a acção e o actor, o fim da solidão e a afirmação da independência, o vínculo que se desliga, o amor que separa, a separação que une, a viabilidade da sobrevivência e da evolução.”*

Forjamos a palavra nova. O operador da união harmoniosa do impulso evolutivo e o impulso de sobrevivência, nomeámo-lo **“O Vialista”**.

O Vialista é um operador gramatical duma função que não pode ser nomeada numa língua não contraditória: O Vialista une o Conhecedor e o Conhecido. Permite ao Conhecedor dirigir sinais concretos ao Conhecido. Permite ao Conhecido construir representações do mundo observável que sejam habitáveis pela presença activa do Conhecedor.

Esta sintaxe inédita é a chave de passagem duma fronteira que, sem ela, é intransponível. A aposta destas considerações é considerável, teórica e praticamente. Os mestres da psicossomática habituaram-nos à ideia que muitos sintomas e doenças graves são a consequência de conflitos não resolvidos. Quais conflitos e como resolvê-los? Faz falta procurar para lá dos conflitos psico-afectivos?

Lembro-me de um episódio que me questionou. Na época trabalhava como psicoterapeuta num hospital parisiense. Recebo uma doente que apresentava os sintomas clássicos de angústia, fadiga permanente, perda de libido, dores vertebrais. Vai mal, o seu médico pensa numa hospitalização. Ela tem uma profunda cicatriz no tornozelo esquerdo. Escuto-a massajando suavemente a cicatriz. De repente, ela interrompe o seu relato, endireita-se e grita: “Ela fez de propósito”. Depois, desfez-se em lágrimas numa imensa dor de menina. Logo se apazigua

e conta que quando tinha menos de dois anos, a sua mãe tinha voltado uma panela de água a ferver. A pequena ficou gravemente queimada, inconscientemente persuadida que a sua mãe a tinha querido matar.

Depois desta sessão, os sintomas desapareceram todos e de modo duradouro. No momento, atribui o desenvolvimento dos sintomas à perturbação da recordação inconsciente: “Ela fê-lo de propósito” tinha introduzido na relação com a mãe. Achei normal o desaparecimento dos sintomas a partir da tomada de consciência da recordação inconsciente. Perguntava-me agora se estas explicações – que eu não contestava – não permaneciam à superfície do problema.

Porque é que a recordação “Ela fez de propósito” estava tão claramente ligada à zona cicatricial? Porque é que a recordação se libertou ao roçar dos dedos? Porque é que a zona cicatricial estava tão mal regenerada? O que é que tinha feito obstáculo ao processo natural de regeneração? Poderia ser que uma cicatriz mal regenerada abrigue uma memória incorporada, impermeável aos impulsos evolutivos regenerativos?

Havia uma projecção metamérica da zona cicatricial sobre a zona cortical, e a partir daí, criação duma fonte de interferência de impacto múltiplo, sem ligação anatómica directa com a cicatriz?

Não sabia nessa época que o doutor Sá Coimbra acumulava observações preciosas sobre o impacto global da primeira cicatriz mal regenerada, “a cicatriz primária”.

Interessava-me pelos resultados obtidos por Eric Kandel (20), investigador americano que, depois, obteve o Prémio Nobel pelos seus trabalhos sobre a memória celular. Kandel demonstrava experimentalmente como podia ser provocado aquilo que eu nomearia hoje uma “avaria evolutiva”. Kandel, no decorrer de certas fases críticas do desenvolvimento de jovens moluscos, fase crítica correspondente a um momento de evolução rápida, impunha ao animal um traumatismo importante ou uma repetição de traumatismos menores. Kandel estudou em seguida o estado dos neurónios do animal e constatou que um estado de stress permanente se tinha instalado, estado de stress que perturbou toda a continuação do desenvolvimento do animal.

Em estado de stresse, a alimentação dos neurónios em impulso evolutivo para. Os impulsos de sobrevivência são os únicos aceites. A evo-

lução regeneradora não tem lugar. A prioridade absoluta concedida às necessidades de sobrevivência é empobrecedora, o organismo mal regenerado consome muita energia para se manter. Adapta-se mal, os sintomas multiplicam-se. Nesta descrição, encontrei o estado da minha doente, chocada por uma queimadura antes dos dois anos, parcialmente bloqueada na sua evolução, logo, adaptando-se dificilmente às suas condições de vida.

Kandel demonstrava que a saída do stress celular exigia que os neurónios com stress pudessem, de novo, sintetizar a proteína mensageira pondo fim ao stress.

Com esta paciente não falei. Fiquei num silêncio atento. Os meus dedos roçando a cicatriz constituíram o elemento activo, por uma espécie de efeito de presença. As fotos paradoxais tinham-nos habituado a considerar o efeito de presença como uma luminosidade que pode ser fotografada. Qualquer coisa na emissão dos meus dedos teve a aptidão de actuar por efeito de proximidade, a possibilidade de permitir a saída do stress celular numa zona mal cicatrizada.

Este episódio teve lugar no momento em que descobrimos “o efeito Vialista”. Começamos a sonhar. Imaginamos com prazer a realização de uma terapia suave que funcionaria por efeito de presença, por irradiação de proximidade. Uma terapia que emitiria o efeito Vialista, permitindo assim a união harmoniosa dos impulsos de sobrevivência e dos impulsos evolutivos, o que permitiria a saída das perturbações funcionais devidas ao stress, o que levaria ao desaparecimento de numerosos sintomas e doenças reais, cuja origem fosse uma avaria evolutiva, isto é, **um conflito permanente não resolvido entre impulso de sobrevivência e impulso evolutivo**. Se o impulso evolutivo se pode harmonizar com o impulso de sobrevivência, então a inteligência de auto cura poderia curar as feridas antigas, além de evitar novas feridas para uma adaptação mais fina às condições de vida de cada um.

Sonhávamos e eu sabia que este sonho não era irrealizável, pois já o tinha visto realizado. Tinha visto os organismos monocelulares, acariciados pelo efeito Vialiste, viver muito mais tempo e muito melhor. Para nós, não havia dúvida nenhuma que a harmonização dos impulsos evolutivos com os impulsos de sobrevivência constituiria um avanço

evolutivo altamente benéfico. Sentíamos que muitos dos problemas aparentemente insolúveis nos quais tropeça a nossa cultura, eram consequências duma avaria evolutiva generalizada. Porque não tentar uma saída?

Estávamos desejosos de viver esta evolução, faltando o meio prático. Não nos podíamos colocar comodamente sob a influência do dispositivo estudado no laboratório. Era demasiado pesado, inadaptado para o ser humano.

Constatámos que, em certos casos, a nossa irradiação própria podia agir por efeito de presença, mas sabíamos que estas faculdades não eram seguras. As fotos paradoxais tinham-nos provado que a irradiação de presença dependia muito pouco dos nossos esforços conscientes. Tivemos a sabedoria de não nos acreditarmos aptos.

A solução era tão evidente que levamos algum tempo antes de perceber. Tínhamos um grande número de fotos do Vialiste. Sabíamos que as fotos paradoxais retransmitiam os impulsos evolutivos. A solução prática estava aí: a projecção duma luz suave através de uma foto capaz de retransmitir o efeito Vialista que assegurava o efeito de presença. Éramos uma cinquentena, voluntários entusiastas, candidatos à harmonização vialística. Inútil falar de sucessos. Foram conforme as previsões.

Queria dizer uma palavra das dificuldades. De facto há uma só. Evidente. Ela é o resultado dum efeito de limiar. Se há demasiadas feridas mal cicatrizadas, no físico e no moral, o poder é completamente tomado por impulsos de sobrevivência. Neste caso, os impulsos evolutivos fazem medo e são rejeitados como ameaçadores.

Todos vivemos estes momentos e vivemo-los ainda, na passagem de cada etapa. A marcha evolutiva não deve ser vivida no isolamento. Temos necessidade de encorajamentos amigos, dispensados por aqueles que vêm de ultrapassar uma passagem chave. A conduta a ter é sempre a mesma: saltar no desconhecido com coragem ajudando-se de uma presença acrescentada do efeito Vialista. Acreditamos que a vida foi imediatamente mais fácil para o primeiro humano que teve a coragem de avançar sobre duas patas?

## CONCLUSÃO

Encontramo-nos na presença de dois factos novos: o primeiro facto é o reconhecimento – agora indiscutível – da existência duma inteligência subliminar ultra rápida funcionando em ligação directa com as áreas corticais especializadas.

A publicação dos resultados do registo intra craniano de emoções induzidas por palavras subliminais – a primeira jamais realizada – pôs fim às controvérsias destes últimos anos que se sustentavam em resultados obtidos por medidas indirectas.

Aos nossos olhos, a emergência da inteligência ultra rápida enquanto objecto mensurável, abre as maiores perspectivas em domínios bem diferentes: se esta inteligência subliminar ultra rápida, que nomeio impulso evolutivo, joga um papel major como “inteligência de auto cura”, então, uma parte do efeito placebo pode ser melhor compreendida.

A medicina psicossomática podia enriquecer-se por um aprofundamento da noção de conflito. Os conflitos permanentes não resolvidos entre impulso evolutivo e impulso de sobrevivência não podem ser estudados, compreendidos ou tratados somente enquanto conflitos emocionais. Ou antes, conviria dar ao conflito emocional o seu justo lugar num conjunto cujas raízes escapam aos métodos de investigação actualmente conhecidos.

Os estudos mostram que o bom funcionamento da inteligência semântica ultra rápida é necessária para uma recepção correcta dos estímulos positivos subliminares vindos do meio ambiente. A partir do momento em que a censura da inteligência subliminar se torna um fenómeno de massa, compreende-se melhor a origem dum certo número de depressões, a perda do gosto pela vida, o estado de desespero glacial que serve de terreno a múltiplas adições ou a condutas auto destruidoras.

Mais geralmente, compreende-se como a censura constante do impulso evolutivo pode atrapalhar as adaptações individuais e sociais necessárias à sobrevivência. No final de contas, o domínio esmagador do impulso de sobrevivência limita as possibilidades de adaptação, logo põe em perigo o indivíduo e a sociedade.

Um segundo facto novo é a existência e a mestria do ‘efeito Vialista’:

O uso do 'Efeito Vialista permite a reestruturação da harmonia entre o impulso evolutivo e o impulso de sobrevivência, entre a língua gramatical não contraditória, lenta e pesada, mas indispensável, e a inteligência ultra rápida multiforme que, no momento, não está apta à linguagem socializada.

Aos nossos olhos, não há meio de perceber negativamente a situação actual. É verdade que as nossas culturas atingiram um ponto extremo de uniformização, logo de empobrecimento. É verdade que é preciso, com toda a urgência, atenuar a censura social violenta que exclui a inteligência subliminar ultra rápida da vida cultural e científica.

Não há razão para alarmar: a arma utilizada pelo impulso evolutivo é subtil e eficaz: é a sua manifestação enquanto Conhecedor, apto a propor soluções viáveis imediatamente utilizáveis. O 'Efeito Vialista? Tal como é testemunhado aqui, é uma das tentativas do Conhecedor. Logicamente, existem outras, sob outras formas. Elas não são todas esmagadas no ovo!

Um passo científico complementar é hoje proposto: aceitar partir do desconhecido para enriquecer o conhecido.

Saberemos dar-lhe uso? O futuro dirá que sim!

## REFERÊNCIAS

1. Marie Vittu-Perdiz « Effet d'un conditionnement de nature physique sur les bactéries - Application à leur conservation et à celle des globules rouges. » Paris XI 27 mars 1987. Série E n° 261.
2. W. Hamer « Fondement d'une médecine nouvelle » Verlag Amici di Dirk Sülzburgstrasse 29 50895 Köln
3. « Proceedings of the National Academy of Sciences » U.S.A 17 mai 2005 – Dr Naccache.
4. Meltzoff et Moore, cité par R. Chauvin. « Biologie de l'esprit » Ed. Rocher 1985.
5. Glen Noman « Le droit au Génie » H. G. Editions 1986.
6. J.J. Aulas « L'effet placebo et ses paradoxes. » « Science et pseudo sciences » n° 252 Mai 2002.
7. Haas H. et Coll. «Das Placeboproblem » Forschritte der Arzneimittel Forschung.
8. Landauer A. A. Br. Med. J. 1984 289
9. Petrovic P. Ecole « Placebo and opioid analgesis » Science 7/02/2002.
10. J. J. Aulas « Placebo et Endorphine » Prescrire 1988 8(71)4042.
11. Wolf S. « The pharmacology of placebo » Pharmacologic Rew 1959 11 689 704.
12. Harrington A. « Placebo, probing the self healing brain » Harvard University 10/12/94.
13. Chauvin R. « Biologie de l'esprit » Ed. Rocher 1985
14. Masson A. « Mainmise sur l'Enfance » Ed. Payot 1979.
15. Masson A. « Les changements immobiles » Ed. Syros 1981.
16. Charon J. « L'Esprit et la relativité complexe » Ed Albin Michel 1983.
17. Szöke J. « Studia musicologica » II 3385 1962.
18. Masson A. « Souffle de lumière » Ed Opéra 1995.
19. Masson A. « Propositions pour une lecture de la verrière axiale de la Cathédrale de Cahors » Juin 1987.
20. Kandel E. « Mechano afferent neurons innervating tail (I and II) » Journal of neurophysiology Vol. 50 n° 6 dec 1983.